

Alta modernidade e educação: os movimentos políticos nas torcidas de futebol como campo de resistência cultural e democrático

High modernity and education: political activism of football fans as a field of cultural and democratic resistance

*Andrea Geraldi Sasso*¹

*Larissa Bezerra*²

*Maria Izabel Rodrigues Tognato*³

*Fabiane Freire França*⁴

Resumo: Este artigo objetiva realizar apontamentos teóricos sobre o período histórico da alta modernidade e a intersecção entre a educação não formal e as torcidas antifascistas de futebol como instituições sociais que possibilitam o trabalho formativo, de resistência cultural, política e democrática no Brasil. A construção da autoidentidade no contexto da alta modernidade junto ao campo educativo permite pensar a possibilidade de atuação de outros espaços formativos não formais, como os movimentos políticos nas torcidas de futebol, por meio de projetos promovidos por torcidas (ou coletivos) antifascistas. Tais coletivos começaram a se multiplicar no Brasil principalmente a partir de 2014, com a realização da Copa do Mundo no país e a crescente elitização dos estádios, tentando democratizar o acesso aos estádios e clubes e também questionando preconceitos como o machismo, o racismo e a homofobia. Portanto, buscamos responder: como os movimentos políticos nas torcidas de futebol podem contribuir para a formação humana de sujeitos no contexto da alta modernidade? Para tanto, realizamos o levantamento bibliográfico com aporte teórico dos estudos da área de Educação, Sociologia e Comunicação Social e fizemos análises de postagens realizadas no *Facebook* de quatro coletivos antifascistas do estado de São Paulo, que estão entre os mais populares na rede social. Concluímos que os movimentos de torcedores(as) podem, por meio de atuação em espaços como redes sociais, ruas e estádios ser fonte de informação e educação, com potencial para ser parte importante da resistência às opressões cishetenormativas e à mercantilização do futebol e da vida no Brasil.

Palavras-chave: Alta modernidade; Educação não formal; Torcidas antifascistas.

- 1 Mestra em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná (PPGSeD - UNESPAR), membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC/CNPq), graduada em Pedagogia (UNESPAR, 2013) e graduada em Psicologia pela Faculdade União de Campo Mourão (Unicampo).
- 2 Jornalista, mestre pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e professora mediadora de comunicação da Unicesumar – Maringá - Brasil.
- 3 Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pelo LAEL/PUC-SP. Pós-doutorado pela UNIGE-FAPSE - Université de Genève - Suíça. Professora Associada no Colegiado de Letras – Português/Inglês, membro do corpo docente permanente e orientadora de dissertações no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD-UNESPAR).
- 4 Doutora em Educação, Professora adjunta do Colegiado de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná (PPGSeD - UNESPAR) e docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE-UEM), Maringá – Brasil, líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC/CNPq).

Abstract: This article aims to make theoretical notes about the historical period of high modernity and the intersection between informal education and anti-fascist football fans as social institutions that enable formative work of cultural, political and democratic resistance in Brazil. The construction of self-identity in the context of high modernity within the educational field allows us to think about the possibility of other informal training spaces, such as political movements in football, through projects promoted by anti-fascist supporters (or collectives). Such collectives began to multiply in Brazil mainly from 2014, with the holding of the World Cup in the country and the increasing elitization of stadiums. They try to democratize access to stadiums and clubs and also questioning prejudices such as machismo, racism and homophobia. Therefore, we seek to answer: how can political movements of football fans contribute to the human formation of subjects in the context of high modernity? For this, we carried out a bibliographic survey with a theoretical contribution from studies in the area of Education, Sociology and Social Communication and we analyzed posts made on Facebook by four anti-fascist collectives in the state of São Paulo, which are among the most popular on the social network. We conclude that the movements of fans can, through action in spaces such as social networks, streets and stadiums, be a source of information and education, with the potential to be an important part of the resistance to cisgender normative oppression and the commodification of football and life in Brazil.

Keywords: High modernity; Informal education; Anti-fascist supporters.

Introdução

A construção da autoidentidade no contexto da alta modernidade junto ao campo educativo permite-nos pensar a possibilidade de atuação de outros espaços formativos não formais, como os movimentos de torcedores e torcedoras de futebol na formação de sujeitos, por meio de projetos promovidos por torcidas antifascistas de diferentes clubes cujos movimentos são presentes em todas as regiões do Brasil. Dessa forma, o objetivo deste artigo é realizar apontamentos e intersecções teóricas sobre o período histórico, caracterizado por Giddens (1991; 2002), como alta modernidade entre o campo da educação não formal e a relevância que as torcidas de futebol politizadas no Brasil podem exercer enquanto contexto de formação e participação coletiva de sujeitos em seus projetos e em sua atuação na sociedade no sentido de instaurar um debate social acerca destes papéis.

Para tanto, no que concerne aos procedimentos metodológicos utilizados neste estudo, tomamos por base as contribuições do sociólogo britânico Anthony Giddens sobre o conceito de alta modernidade ou modernidade tardia e sua influência no aspecto da autoidentidade. Nesse sentido, realizamos o levantamento bibliográfico pautando nosso estudo nos aportes teóricos dos estudos da área de Educação, Sociologia e Comunicação Social, numa perspectiva interdisciplinar. Além disso, desenvolvemos análises de postagens publicadas no *Facebook* de quatro torcidas antifascistas do Estado de São Paulo, que estão entre as mais populares desta rede social.

A alta modernidade é definida por Giddens (2002) como uma ordem pós-tradicional, ou seja, não rompe diretamente com os parâmetros da modernidade, mas sim, intensifica e radicaliza as características principais. O autor salienta que numa sociedade tradicional, a questão identitária dos indivíduos está atrelada às tradições, à localidade, ao parentesco. Ao romper e questionar práticas preestabelecidas, a modernidade permite ao indivíduo o “cultivo das potencialidades individuais” e a interação com a identidade de maneira mutável, fluida (DIAS, 2005, p. 87).

Neste viés, as análises realizadas por Giddens (2002), possibilitam-nos entender a formação da autoidentidade no contexto de espaços formativos educativos não formais (GOHN, 2006), enquanto

lugares que podem contribuir na formação humana dos indivíduos que os ocupam, com destaque aos diversos fenômenos que emergem nos espaços sociais, tais como: sexismo, preconceitos, homofobia, entre outros. Com isso, partimos do seguinte questionamento, norteador desta nossa proposta de discussão: como os movimentos de torcedores(as) de futebol podem contribuir para a formação humana de sujeitos no contexto da alta modernidade?

Um dos contextos formativos presentes no futebol que interagem diretamente com os sujeitos e proporcionam movimentos em prol de diversas temáticas são as torcidas antifascistas. Esses movimentos começaram a surgir no futebol brasileiro, a partir de 2014 e ganharam relevância em 2015, com os protestos contra o *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff, e em 2018, com manifestações contra o então candidato à presidência Jair Bolsonaro, a quem consideravam preconceituoso e antidemocrático. Estas torcidas tiveram destaque ainda maior em 2020, com manifestações contra o racismo, a favor da democracia e, novamente contra Jair Bolsonaro, presidente do país na época e criticado pela condução da pandemia de Covid-19 e pela falta de políticas públicas adequadas.

As ações que as torcidas realizaram foram para além das arquibancadas. Nas redes sociais, produzem trabalhos de cunho político de conscientização sobre diversos temas, tais como o racismo, a homofobia, o machismo e a desigualdade social. Além disso, possuem projetos de cinema, palestras, oficinas em escolas e em outras instituições, como em centros de reabilitação para jovens infratores, doação de alimentos, entre outros. Para as análises, neste estudo, selecionamos as publicações de quatro dessas torcidas, realizadas no *Facebook*: Coletivo Democracia Corinthiana, Palmeiras Antifascista, Santos FC Antifascista e Bonde do Che (São Paulo FC), todas do Estado de São Paulo. A seleção desses grupos se deu por estarem dentre os mais populares nas redes sociais, por publicarem com frequência e por participarem ativamente de manifestações, relacionadas ao futebol ou à política. Estas publicações dizem respeito ao ano de 2020, período importante na consolidação desses grupos enquanto sujeitos políticos (CERREIA, 2020).

Para Numerato (2018), a cultura futebolística contemporânea vive um período de grande mobilização de torcidas, confrontadas com as consequências do desenvolvimento do futebol moderno⁵. A partir disso, diversos autores, como Helal (2011), compartilham do pensamento de que o futebol pode ser abordado por múltiplos ângulos de análise, sendo um objeto de pesquisa importante na compreensão da cultura e das relações entre diversos temas da sociedade. Daí a importância deste estudo para repensarmos o papel social das torcidas de futebol e sua atuação em movimentos políticos.

No que se refere à organização do artigo, sistematizamos nossas reflexões em três pontos ao longo do texto, a saber: a) apontamentos teóricos sobre a alta modernidade e a construção da autoidentidade⁶; b) discussão teórica sobre o campo da educação não formal; e, c) a relevância dos movimentos políticos nas torcidas do futebol brasileiro no campo educacional e suas contribuições para a formação humana. Por fim, tecemos nossas considerações finais a este estudo.

5 Segundo Lopes e Hollanda (2018) o símbolo da luta contra o “futebol moderno” é uma bola de couro antiga envolta e estilizada por uma grinalda verde-oliva. Esse termo foi utilizado pela primeira vez em 1999, por um torcedor da Roma, num texto publicado na *internet* com o título *Against modern football manifesto*. Embora com algumas contradições teóricas referentes ao que seria o esporte moderno, o conceito designa transformações sociais, culturais e econômicas nos estádios e clubes, causadas pela hipermercantilização do futebol.

6 Para Rosa (2007, p. 143)., “[...] a auto-identidade, então, é a trajetória ao longo da vida por meio das mais diversas situações institucionalizadas, é uma biografia reflexivamente organizada. Ela pressupõe autoconsciência (distinção entre o eu e o não-eu, que ocorre por dispositivos psicológicos da criança em suas primeiras relações) e supõe a criação de algo relativo à extensão da identidade no tempo e no espaço e à interpretação reflexiva contínua que do agente sobre si mesmo”.

Alta modernidade e a construção de autoidentidade

Para pensar a sociedade contemporânea, pautamos nossas discussões nos estudos de Giddens (1991; 2002) sobre a concepção da alta modernidade. Para o autor, este período configura-se como um tempo de incertezas, de múltiplas escolhas, de fragmentação e dispersão da realidade. A confiança não se sustenta e a cultura de risco se apresenta, já não há a previsibilidade de outros tempos. A alta modernidade tem construído situações nunca antes enfrentadas em um curto tempo e em um curto espaço, devido às ações que a modernidade instaurou, tais como a produção de exclusões e marginalizações sociais, econômicas, culturais e até mesmo educacionais, com o objetivo de afastar a possibilidade de emancipação e de realização do eu, criando mecanismos de supressão.

Segundo Giddens (2002), as influências de acontecimentos distantes ou próximos que a alta modernidade produz e que diretamente atinge o eu, decorrentes da expansão da mídia eletrônica ou impressa, teve um forte papel no processo de construção da sociedade atual. O modo de vida social contemporâneo, a escolha do estilo diário de vida, a diversidade de opções e seu planejamento são elementos importantes na constituição e estruturação da autoidentidade. A mídia, as propagandas, os discursos e seus enunciados, por exemplo, são impregnados de sentidos que produzem e ensinam formas de ser e agir. Nessa perspectiva, Teruya (2009, p.158) destaca, a partir das discussões teóricas dos Estudos Culturais que,

na sociedade contemporânea, a televisão faz o telespectador se reconhecer na existência do outro. Ao se identificar com o discurso da mídia, o receptor atribui um sentido ao seu modo de viver e a sua condição social, como uma coisa natural. Mas uma imagem/mensagem endereçada ao público não é recebida da mesma maneira entre os receptores de diferentes contextos socioculturais. A recepção dos produtos da mídia varia de acordo com as categorias de percepção do indivíduo em sua singularidade (TERUYA, 2009, p.158).

Neste viés, o momento histórico e social vigente, acaba impondo, por meio de suas relações de poder estabelecidas sobre o indivíduo, a necessidade de um encontrar-se a si mesmo num processo de autoidentidade e de sentimentos pessoais difusos. As organizações modernas (o capitalismo, o controle de informações, a supervisão social, o industrialismo e o poder militar) controlam a distância temporal e espacial das relações, apresentam-se na alta modernidade de maneira descontínua na cultura e modo de vida pré-moderno, sua principal marca é o dinamismo por meio do qual o ritmo de mudança, a amplitude e a profundidade são maiores em um “mundo em disparada” (GIDDENS, 2002, p. 22).

Esta separação entre tempo e espaço tem ocasionado um “esvaziamento” de ambos os aspectos, em um desenvolvimento não linear, operado dialeticamente. Sendo assim, o uso generalizado de padrões globais como é a marcação do tempo, por exemplo, tem facilitado a estrutura da vida cotidiana, pois o que antes envolvia mudanças locais, hoje é universal. Atrelado a isso, observamos que o fluxo de informações difundidas por dispositivos digitais e redes sociais, segundo Oliveira, *et al* (2015, p. 44) “[...] têm provocado uma virada espacial nos processos comunicativos e educativos [...]. Esses artefatos produzem uma realidade específica entre informação, comunicação, mobilidade, redes e espaço”, ou seja, as mídias digitais fizeram com que a ideia de espaço e tempo estáticos se transformassem.

Nesse sentido, Giddens (1991; 2002) retoma o quanto a modernidade incide na dinâmica local, global e nas transformações da vida diária. A reorganização de desencaixe do tempo e espaço, resulta em propriedades universalizantes e interseções a ausência e presença, num fenômeno dialético entre esses contextos, produzindo, muitas vezes, relações divergentes ou até mesmo contrárias. Em outras palavras, é

na ação do agente que a estrutura ganha vida e é neste ponto que a modernidade se mantém.

Diante disso, a tarefa de construir uma nova ordem é redirecionada à dissolução dos elos que ligam as escolhas individuais e os projetos de ações coletivas às ações políticas distintas, redistribuindo e realocando poderes, que postos a derreterem, são remoldados. De acordo com este sistema, as pessoas são libertadas de suas “velhas gaiolas” com a tarefa de se acomodarem e se adaptarem de modo a seguir regras e condutas de um determinado grupo/espço, caso isso não ocorra, o indivíduo é censurado (BAUMAN, 2001, p. 13). Desse modo, a autoidentidade, a globalização e suas transformações são os polos da dialética do local e do global na alta modernidade. O dinamismo da modernidade propicia mudanças no mecanismo da confiança, nas coisas humanas e nos ambientes de risco, modificando os conteúdos e as formas da ansiedade. Com isso, o eu, para Giddens (2002), torna-se um projeto reflexivo.

Para Oliveira, *et al* (2015, p. 46) as mídias e dispositivos móveis e localizáveis mediam diversas tarefas do dia a dia, tais como a descentralização da aprendizagem e a produção de conhecimento “[...] sem lugar, tempo e fonte de conhecimentos específicos. Por meio de um dispositivo móvel, tem-se acesso a conteúdo em qualquer lugar, qualquer tempo e em qualquer plataforma”. Desse modo, a flexibilidade a novas formas de aprender que a educação não formal fomenta e os movimentos e coletivos de futebol, que produzem campanhas e ações de cunho social, educativo e político, podem ser consideradas como novas formas que os sujeitos da alta modernidade utilizam para construir as autoidentidades.

Nesta perspectiva, há que se considerar as inúmeras práticas sociais que acabam sendo divisoras que, por meio das relações de poder, se concentram em “ajustar” os indivíduos em padrões pré-estabelecidos, tornando-nos, de acordo com Mesomo (2004, p. 101), sujeitos que “incluímos e excluimos a nós e aos outros na vivência e na produção de práticas discriminatórias as quais alimentamos com nossa diferenciação”. Ademais, cabe pontuar que toda dinâmica impressa na alta modernidade também se apresenta no contexto educacional. Para elucidar a correlação entre a construção da autoidentidade com o campo educacional, apresentamos, a seguir, uma breve discussão teórica sobre o campo da educação não formal em relação à alta modernidade, bem como à construção da autoidentidade.

A educação não formal

A construção da autoidentidade no campo educacional permite-nos trazer para esta discussão a possibilidade de atuação de outros espaços formadores educativos, coletivos e democráticos, como é o caso dos movimentos políticos nas torcidas de futebol no contexto da alta modernidade. Para isso, apresentamos uma breve discussão referente aos estudos na área da educação não formal, como modalidade educativa formadora de sujeitos, pela qual podemos inserir os movimentos políticos propiciados pelas torcidas de futebol e suas ações na sociedade brasileira.

O contexto da educação não formal tem ganhado visibilidade e ampliado o espaço nas últimas décadas. Como marco histórico, destacamos a emergência de redefinição da educação, a partir da década de 1960, com a ideia de “crise mundial da educação” que reuniu na conferência realizada em Williamsburg (Virgínia/EUA) em outubro de 1967, inúmeros especialistas em educação com o intuito de discutir o diagnóstico do sistema formal de ensino. Conforme discute Palhares (2008, p. 3) “a ausência de indicadores que consubstanciassem uma efetiva transformação social, muito particularmente em contextos desfavorecidos e em países (rotulados) de subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento [...]”,

permitiu-nos a procura por alternativas educativas, dentre elas a educação não formal.

Nessa mesma época, de acordo com Garcia (2016, p. 92), “outros jeitos de se ‘fazer’ educação foram percebidos como válidos e, a partir de então, ganharam espaço e status de uma nova área educacional, por oposição ao que estava (e está) em crise”. No Brasil, a educação não formal até os anos de 1980, estava direcionada aos processos de alfabetização de adultos, que tinha como base as propostas de Paulo Freire. Na década de 1990, com as mudanças na economia, no trabalho e no processo de urbanização, demandaram novas necessidades formativas para suprir as exigências das indústrias, o que levou ao surgimento da modalidade educação não formal.

No sentido de entendermos a diferença entre educação formal e não formal, tomamos por base os estudos de Gohn (2006, p. 3), ao explicitar que a educação formal acontece no “[...] território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadas, organizadas segundo diretrizes nacionais”, enquanto que a educação não formal acontece por meio de várias dimensões, como a educação difundida pela e na mídia, pela capacitação para o mercado de trabalho, na busca de solução de problemas do dia a dia, dentre outras formas. Para Gohn (2006), a educação não formal,

[...] designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; [...] (GOHN, 2006, p. 2).

As intervenções socioeducativas, desenvolvidas no campo da educação não formal, têm se ocupado com práticas e ações coletivas formativas, tais como a Educação Popular, movimentos sociais, organizações não governamentais, tendo como público-alvo crianças, jovens, adultos e idosos (MOURA; ZUCCHETTI, 2009), considerado como um complemento do ensino escolar formal e com perspectiva de educação permanente (PALHARES, 2008).

Dessa forma, os principais objetivos da educação não formal, ainda na visão de Gohn (2006), são capacitar e tornar o indivíduo um cidadão do e no mundo, com base em princípios de igualdade e justiça. Seus objetivos não são postos a princípio, ou seja, dependem das demandas que surgem no contexto social. Sendo assim, o processo interativo e educativo, bem como os resultados são direcionados aos interesses e às necessidades apresentadas, além da “[...] transmissão de informação e formação política e sociocultural [...]” (GOHN, 2006, p. 03). A educação não formal trabalha com aspectos como a subjetividade, a solidariedade, a cidadania coletiva do grupo e a construção de identidades.

Além dos autores e autoras que definem e marcam os espaços nos quais acontece a modalidade de educação não formal, podemos encontrar, com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), a definição ampla dos espaços em que ocorrem tais processos formativos educativos, como consta no artigo 1º, ao elucidar que

a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996, p. 49).

Esta modalidade de cunho formativo educacional transpõe os limites da educação escolar formal

quando a necessidade do contexto social precisa de outros espaços de formação que permitam “[...] uma espécie de complementaridade, uma espécie de partilha de funções, de objetivos, de conteúdos entre os diversos agentes educacionais” (TRILLA, *et al*, 2008, p. 46). Em consonância com essa perspectiva, Palhares (2008, p. 8) destaca que,

Não se tendo, propriamente, assistido à “desformalização” e à “desinstitucionalização” da escola, o que é certo é que – apesar do peso significativo que a instituição escolar detém na construção dos percursos de vida e na estruturação do quotidiano das pessoas - a diversificação de contextos e de processos de potencial cariz educativo conduziu inevitavelmente o actor social à experientiação e à integração em novos espaços-tempo de aprendizagem (*sic*). (PALHARES, 2008, p. 8)

Esses novos espaços-tempo de aprendizagem aos quais o autor se refere, adentram a valorização da educação não formal pelos meios de comunicação de massa. De acordo com Oliveira, *et al* (2015),

[...] entende-se que ao discutir a educação a partir das novas formas de aprender, articulados não necessariamente a partir de um currículo escolar, mas propiciados por tecnologias móveis, observou-se como há deslocamentos e redefinições no processo de educar e aprender. Há um novo desenho no quadro da sociedade em rede quando o aprender a aprender processa-se localmente dentro de uma rede onde a informação circula e faz-se texto, redefinindo espaços e ações. (OLIVEIRA, *et al*, 2015, p. 47)

É neste contexto dos movimentos sociais que os coletivos de torcedores e torcedoras de futebol, atuantes em páginas de redes sociais e em ações de manifestação, que podemos ampliar o entendimento e o conhecimento acerca da educação não formal. De acordo com o autor, “essas novas formas de aprender estão relacionadas ao acesso a conteúdo informacional da *web*, a qualquer hora de qualquer lugar, a interação com outros indivíduos de forma instantânea, a possibilidade de consumir e produzir conteúdo etc.” (OLIVEIRA, *et al*, 2015, p. 48). Este será nosso próximo ponto de discussão.

Os movimentos políticos nas torcidas de futebol e suas funções educativas

Nos seus primórdios, na Inglaterra, na segunda metade do século XIX, o futebol atendia a um interesse elitista e permaneceu desse modo por certo tempo. Quando chegou ao Brasil, no final do século XIX, também não atingiu toda a população desde o início, permanecendo restrita aos ingleses e à elite. Os clubes mais antigos “não gostaram de jogar e de perder para o Corinthians, clube de operários e gente do povo. O elitismo e o preconceito social predominavam” (ANTUNES, 1998. p. 93).

Quando se popularizou, no início do século XX, o futebol passou a ser uma expressão da sociedade e da cultura. Para Foer (2005), o futebol não é parte apenas da comunidade, mas da economia e da política. Por isso, o campo e as arquibancadas têm sido palco de manifestações políticas dos jogadores e das torcidas em várias partes do mundo, ganhando destaque no Brasil, nos últimos anos. Assim, a partir de 2005, começaram a surgir experiências torcedoras visando a garantir direitos democráticos de acesso aos estádios e aos clubes, expandindo-se, principalmente, após a Copa do Mundo no Brasil, em 2014. Santos e Helal (2019) denominam estas experiências de movimentos de torcedores(as), mas muitos se denominam de movimentos sociais, grupos ou frentes, tendo métodos de ações e estratégias políticas diferentes.

Inspirados pelas lutas de outros tempos e pela necessidade de lutar por direitos no Brasil, nos últimos anos, os movimentos políticos têm crescido nas torcidas do país, somando cerca de 80 torcidas antifascistas, coletivos e setores dentro das torcidas organizadas, que se mobilizaram e se posicionam contra a xenofobia,

o racismo, a homofobia, o machismo, pela defesa da democracia e dos Direitos Humanos.

Estes grupos realizam diversas ações, tais como: organização de protestos, realização de palestras em escolas, acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade, doação de alimentos e utilização da popularidade do futebol em favor de pautas progressistas, como as supracitadas. Segundo a Federação Internacional de Futebol (Fifa), mais de 3,5 bilhões de pessoas assistiram à Copa do Mundo de 2018, na Rússia. A final, entre França e Croácia, teve mais de 1,12 bilhão de telespectadores (FIFA, 2018). Por este alcance que teve e continua tendo, o futebol, para Boniface (1998), foi o fenômeno mais universal do século XX, maior que a democracia ou a economia de mercado, tendo a Fifa um número maior de países afiliados do que o número de membros signatários da Organização das Nações Unidas (ONU). Com isso, DaMatta (1982) ressalta que, quando se obtém uma compreensão sociológica do futebol praticado no Brasil, as chances de se interpretar a sociedade brasileira aumentam simultaneamente. Nessa perspectiva, para DaMatta (1982) o esporte,

faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade também faz parte do esporte. Impossível compreender uma atividade (ou um plano de atividades) sem referência à totalidade na qual está inserida. Esporte e sociedade são como as duas faces de uma mesma moeda e não como o telhado em relação aos alicerces de uma casa (DAMATTA, 1982, p. 23).

Diversos regimes totalitários, tendo percebido a ligação entre futebol e sociedade tentaram usar o esporte para promover seus ideais. De acordo com Florenzano (2010), o regime militar brasileiro, por exemplo, travou uma batalha cultural para implantar nos torcedores uma visão de mundo autoritária, hierárquica e imutável, no sentido de obter o consentimento dos grupos subalternos, por meio da figura do “jogador máquina”, disciplinado e restrito ao mundo futebolístico. Porém, muitas vezes, o regime não conseguiu controlar torcidas e atletas dessa maneira. Em 1979, a torcida Gaviões da Fiel, do Corinthians, chegou a abrir uma faixa nas arquibancadas com a frase “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita” (PIVA, 2015).

Tal ativismo, não permaneceu somente durante a ditadura militar. A partir de 2013, com a ebulição social, provocada pelas Jornadas de Junho⁷, ganhou proporções maiores no Brasil. O aumento da violência entre torcidas organizadas, a repressão dos governantes em relação a essa violência, a realização da Copa do Mundo, com crescente elitização dos estádios e uma crise política avançando no país com a posse de Michel Temer na presidência, após o *impeachment* de Dilma Rousseff, também foram fatores que influenciaram o surgimento de torcidas politizadas. As faixas de protestos contra Michel Temer e o que foi considerado um golpe político multiplicaram-se nos estádios de futebol. Diante deste cenário adverso, Teixeira e Hollanda, (2016) destacam o que têm acompanhado no mundo das torcidas de futebol:

assistimos aos protestos protagonizados pelas torcidas organizadas e a outras iniciativas coletivas de torcedores, que vêm encontrando formas de burlar mecanismos oficiais de segurança. Tais grupos logram assim entrar com faixas nos estádios, numa clara demonstração de insubordinação e capacidade de sobrevivência em meio a asfixia normativa e financeira de gentrificação dos estádios (TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016, p. 23-24).

Lopes e Hollanda (2018) ressaltam que esses movimentos têm participado ativamente da vida política mais ampla do Brasil e de manifestações de esquerda, e outros militam em pautas específicas,

⁷ As Jornadas de Junho foram um conjunto manifestações em todo o país, com ideologias heterogêneas (TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016). Singer (2013) as chama de “Acontecimentos de Junho”, por considerar que uma jornada questionaria a ordem estabelecida, o que não aconteceu então, pois as propostas de Constituinte e plebiscito para a reforma política foram esquecidas. Ele aponta também que, além das agendas diversas do movimento, as orientações ideológicas iam desde o ecossocialismo, passando por reformismo e liberalismo, até mesmo a impulsos fascistas. Entre os motivos de descontentamento nesses protestos estavam os gastos com estádios e outras obras para a Copa do Mundo de 2014, no Brasil.

como o fim jogo do meio de semana, com início às 22h. Ademais desse tipo de ativismo nos estádios, principalmente relacionado à modernização e mercantilização do futebol, e de manifestações políticas, Moraes e Bonfim (2017) dizem que mulheres torcedoras do Movimento Toda Poderosa Corinthiana, Palmeiras Livre, Galo Queer, QUEERlorado e Palmeiras Antifascista começaram a tratar de assuntos como a luta contra homofobia e misoginia, defendendo o direito das mulheres de ocupar as arquibancadas e utilizando-se das redes sociais para construir esses debates.

Com essa visão mais ampla da agenda dos coletivos, Lopes e Hollanda (2018) consideram que isso pode contribuir para conectar os problemas do futebol com seu contexto histórico, político, cultural e social e à utilização das redes sociais, a fim de tentar propagar ideais de democracia e igualdade. Em 30 de março de 2019, por exemplo, 50 coletivos assinaram um manifesto chamado “Gol contra: ditadura militar impôs derrota ao Brasil”, postado no *Facebook*, no qual se posicionam contra o presidente da República, Jair Bolsonaro, por ter incentivado as Forças Armadas a comemorar o golpe civil-militar que aconteceu em 1964 no Brasil.

Imagem 1: Arte divulgada em repúdio a declarações do presidente da República, Jair Bolsonaro



Fonte: *Facebook* Movimento Toda Poderosa Corinthiana (2019). Disponível em: <<https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana/photos/a.280637092301356/791196467912080/>>. Acesso em: 09 mai. 2022.

Na visão desses torcedores e torcedoras, a política de direita brasileira trouxe uma “ficção” em torno do período da ditadura, destacando que “salvaram o Brasil do comunismo”, “só bandidos foram presos”, “a corrupção foi extinta” e que “houve grande crescimento econômico”. Na nota publicada, ressaltam que todos esses argumentos são falsos, apresentando números de presos torturados, mortos e desaparecidos, dentre diversas outras ações autoritárias cometidas durante o regime militar. Diante do exposto, surge um questionamento: por que torcedores estariam interessados em discutir sobre tais temáticas em redes sociais? Conforme consta na página “Movimento Toda Poderosa Corinthiana”, a ditadura civil-militar impactou diretamente no esporte, usando a Seleção Brasileira para manipular a opinião pública. Além disso, denunciam os militares de iniciarem o processo de criminalização das

torcidas de futebol, tendo-as consideradas como possíveis células subversivas. Portanto, os torcedores e torcedoras consideram que seja necessário,

que os/as brasileiros/as acordem e resgatem a verdadeira história da Ditadura Militar e se conscientizem dos perigos representados pelo fascismo, um inimigo do esporte das multidões. No Brasil, o 31 de março de 1964 iniciou um 7 a 1 contra a democracia e a civilidade. Que seja lembrado como o início de um período de ignorância e barbárie. Que possamos recuperar a verdade, instaurar uma cultura de paz e anular este “gol contra” que o fascista Bolsonaro marcou contra todos/as os/as brasileiros/as (MOVIMENTO TODA PODEROSA CORINTHIANA, 2019).

Diversos outros temas também são debatidos nas redes sociais. Para elucidá-los, apresentamos, no Quadro 1, os temas debatidos em 2020 pelos seguintes grupos: Coletivo Democracia Corinthiana, Palmeiras Antifascista, Santos FC Antifascista e Bonde do Che. Juntas. Estas torcidas totalizam 113.432 seguidores no *Facebook* e fizeram 1.392 publicações.

Quadro 1: Quantidade e percentuais de temas abordados pelos grupos

Tema	Bonde do Che	Coletivo Democracia Corinthiana	Palmeiras Antifascista	Santos FC Antifascista	Total de postagens
Ações solidárias	58 /7,3%	19/6,1%	9/7,3%	5/2,8%	91
Antirracismo	41/5,2%	9/2,9%	10/8,1%	21/12%	81
Apoio ou participação em protestos	28/3,5%	27/8,7%	4/3,2%	6/3,4%	65
Causa indígena	5/0,6%	2/0,6%	11/9%	0/0%	18
Clube	174/22%	17/5,5%	6/4,9%	28/16%	225
Contra a ditadura	0/0%	0/0%	6/4,9%	0/0%	6
Covid-19	46/5,8%	20/6,5%	4/3,2%	9/5,1%	79
Críticas ao Governo Federal	106/13,4%	35/11,4%	3/2,4%	8/4,5%	152
Rivalidade	62/7,8%	0/0%	1/0,8%	1/0,5%	64
Eleições municipais	1/0,1%	22/7,1%	0/0%	1/0,5%	24
Futebol feminino	15/1,9%	4/1,3%	17/13,9%	4/2,2%	40
Futebol moderno	4/0,5%	1/0,3%	3/2,4%	32/18,2%	40
Causas feministas/LGBTQIA+	12/1,5%	8/2,6%	11/9%	2/1,4%	33
História	25/3,1%	18/5,8%	13/10,6%	10/5,7%	66
Personagens de esquerda	45/5,7%	29/9,4%	6/4,9%	10/5,7%	90
Torcida	102/12,9%	35/11,4%	7/5,7%	17/9,7%	161
Violência policial	9/1,1%	10/3,2%	1/0,8%	4/ ,2%	24
Outros	55/6,9%	51/16,6%	10/8,1%	17/9,7%	46
Total/%	788/100%	307/100%	122/100%	175/100%	1.392

Fonte: Dados coletados pelas autoras (2020).

É possível notar, assim, a diversidade de temas discutidos, sejam eles referentes ao mundo esportivo, à sociedade ou à política. Em ordem, os mais comentados pelos grupos foram: clube (225), torcida (161),

críticas ao governo federal (152), ações solidárias (91), personagens de esquerda (90), antirracismo (81), Covid-19 (79), história (66), apoio ou participação em protestos (65), rivalidade (64), outros temas (46), futebol feminino e futebol moderno (40 cada), causas feministas/LGBTQIA+ (33), eleições municipais e violência policial (24 cada), causa indígena (18) e contra a ditadura (6).

Consideramos na categoria *ações solidárias* publicações com o objetivo de divulgar arrecadação e doação de alimentos, rifas para ajudar alguma família, entre outras, sejam elas de iniciativa da própria torcida ou em auxílio de outros grupos e entidades.

Em *antirracismo* foram inseridas publicações de repúdio a episódios racistas (no futebol ou outro ambiente), bem como críticas ao racismo estrutural, exaltação de pessoas negras e também situações diversas sobre refugiados. Já a divisão de *apoio ou participação em protestos* ocupou-se de publicações referentes a protestos pelos quais os grupos têm simpatia, tendo ou não participado deles.

Causa indígena contém, principalmente, denúncias de invasão de terras indígenas, genocídio indígena e outros problemas enfrentados por essas populações. *Causas feministas/LGBTQIA+* foram publicações contra o machismo e a homofobia, sobre igualdade de gênero e violência contra a mulher.

Assuntos relacionados ao *clube* são importantes para todos eles. Nessa categoria, estão publicações sobre jogos das equipes masculinas (colocamos o futebol feminino em outra categoria, já que ainda é uma modalidade que ganha pouca atenção da mídia e das torcidas tradicionais, e que as torcidas antifascistas costumam apoiar), críticas à gestão ou mesmo elogios.

Em *Covid-19* inserimos tudo que teve relação com a pandemia da doença, desde conscientização sobre os cuidados até informações sobre o auxílio emergencial, benefício criado para ajudar trabalhadores e famílias que estavam com dificuldades para conseguir dinheiro por conta do isolamento social.

Na categoria *críticas ao governo federal*, colocamos as postagens em que constam opiniões e posições de contrariedade ao presidente Jair Bolsonaro e a membros do governo, que vão desde o compartilhamento de notícias negativas, pedidos de *impeachment* e críticas sobre declarações polêmicas. As *eleições municipais* não foram trazidas com frequência por nenhum coletivo, além do CDC. Eles fizeram *lives* com candidatos da esquerda no primeiro turno e, no segundo, expressaram forte apoio ao candidato Guilherme Boulos, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), até mesmo com ações nas ruas.

O *futebol moderno* foi um assunto que geralmente esteve em pauta entre diversas torcidas antifascistas e é a motivação para muitas delas se organizarem também. Foram incluídas publicações sobre preços altos de ingressos, criminalização de torcidas organizadas, entre outras.

Em *história* foram divulgados fatos históricos, como a explicação de datas como o “Dia do Refugiado”, “Dia do Trabalhador” e de tragédias que ocorreram no país e pelo mundo. Já postagens sobre *personagens de esquerda* foram aquelas que se referem a figuras importantes dentro da esquerda política e que foram lembradas de alguma forma pelos grupos, por exemplo: aniversários, data da morte, citações e homenagens.

Em *torcida*, que também apareceu bastante, levamos em conta publicações que trataram do próprio grupo ou da torcida do clube em geral. Um tema que quase não apareceu entre as torcidas de Palmeiras, Santos e Corinthians, mas que foi muito apresentado pelos torcedores do São Paulo foi a *rivalidade*, na qual foram incluídas postagens com críticas aos rivais ou piadas.

E, por fim, em *violência policial* reunimos os materiais que mencionaram ações da Polícia Militar

consideradas, pelas torcidas, como abuso de autoridade e uso excessivo de força, não somente em relação aos torcedores, mas também com manifestantes e cidadãos comuns.

Nas imagens 2, 3, 4 e 5, apresentamos exemplos de como alguns temas foram tratados. Inserimos publicações com temas mais políticos e sociais, um pouco diferente dos que são apresentados pelas torcidas tradicionais. Assuntos como futebol moderno, clube, torcida e rivalidade, por exemplo, já costumam estar presentes nos discursos das torcidas organizadas, enquanto homofobia e machismo ainda são grandes tabus no meio esportivo em geral, principalmente no futebol.

Imagem 2: CDC contra a taxaço de livros



Imagem 3: Palmeirenses contra o racismo



Fonte: Facebook Coletivo Democracia Corinthians (2020). Disponível em: <<https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthians/fotos/a.124721264598081/891753767894823/>> Acesso em: 09 mai. 2022.

Fonte: Facebook Palmeiras Antifascista (2020). Disponível em: <<https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/fotos/a.644960925624125/3019800244806836/>> Acesso em: 09 mai. 2022.

Imagem 4: Torcida do Santos se manifesta contra a homofobia



Fonte: Facebook Santos FC Antifascista (2020). Disponível em: <<https://www.facebook.com/santosantifa/photos/a.716213051755625/3071747329535507/>> Acesso em: 09 mai. 2022.

Imagem 5: BDC reforça a campanha “Estupro culposo não existe”



Fonte: Facebook Bonde do Che (2020). Disponível em: <<https://www.facebook.com/bdc.tti/photos/a.1838838836357745/2737156783192608/>> Acesso em: 09 mai. 2022.

No que concerne às *críticas ao Governo Federal*, foram desenvolvidas diversas discussões, acerca da forma sobre como a pandemia de Covid-19 foi conduzida, como a demora na compra de vacinas, o incentivo para que as pessoas não fizessem isolamento social e o uso de máscara, ações essas defendidas por profissionais da área de infectologia e por cientistas. Ademais, foram criticadas declarações consideradas preconceituosas do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) e de ministros, além de algumas ações, como a tentativa de taxaço de livros (Imagem 2).

No fim de julho de 2020, o ministro da Economia, Paulo Guedes, enviou uma proposta de Reforma Tributária ao Congresso, que previa o retorno da cobrança tributária de livros. Esta cobrança não existia desde 2004 e poderia gerar um enfraquecimento do mercado editorial brasileiro, o qual sofreu graves dificuldades nos últimos anos (CERIONI, 2020). A Receita Federal defendeu a taxaço de livros, com o argumento de que “pobres não leem” (BARBOSA, 2021), mas segundo a historiadora Marisa Midori Deaecto, em entrevista à Deutsche Welle (DW) Brasil (VEIGA, 2021), essa cobrança é “imoral e anticonstitucional”.

Outro tema comentado pelas torcidas, o genocídio do povo preto - o qual incluímos na categoria *antirracismo* - foi pauta de discussão na Palmeiras Antifascista. A Imagem 3 destaca os dizeres “vidas negras importam”, com a imagem de João Pedro, adolescente de 14 anos, morto durante uma operação policial no dia 18 de maio de 2020, no Complexo do Sagueiro, em São Gonçalo. Na legenda, a página diz que manifesta luto pela vida interrompida, a partir de ações do estado, com o pretexto de guerra às drogas e que,

O povo preto é o principal alvo da bala da polícia. Todo ano, cerca de 45 mil pessoas negras são assassinadas no Brasil. Seja pelas vidas exterminadas a tiros, pelo feminicídio das mulheres negras ou pelo abandono dos serviços públicos de saúde, que agora se agravam na pandemia, em que uma

pessoa negra tem 5 vezes mais chances de morrer que uma pessoa branca. O assassinato de João Pedro nos revolta e não será em vão. Vingaremos toda essa dor de seus familiares e continuaremos em luta permanente afirmando que as vidas negras importam! (PALMEIRAS ANTIFASCISTA, 2020).

Além disso, discussões sobre machismo e LGBTfobia também foram acionadas. Na Imagem 4, vemos que a torcida do Santos se manifestou no dia 17 de maio, publicando uma montagem de imagens com torcedores acendendo sinalizadores, utilizando a bandeira LGBT e, abaixo, faixas em preto e branco para representar as cores do clube. Na legenda, escreveram: “arquibancadas livres”. Para Silva Júnior (2018), é providencial falar sobre homofobia no futebol e dar visibilidade a diversas formas de preconceito para que estigmas sejam destruídos pelo discurso de respeito às diferenças. Corroboramos com este posicionamento, uma vez que respeitar as diferenças em uma sociedade de diversidades é fundamental.

Na situação das mulheres não foi diferente. Embora alterações no papel social da mulher tenham sido observadas nas últimas décadas, bem como mudanças políticas, sociais e econômicas, a desigualdade de gênero ainda é enorme e isso se reflete, também, nas arquibancadas (OLIVEIRA, 2021). Por isso, como vemos na Imagem 5, o Bonde do Che abriu discussão sobre o caso da influencer Mariana Ferrer, dizendo que “exigiam justiça” pela jovem e que não existe “estupro culposo”. Diversos clubes e torcidas publicaram sobre este assunto depois de uma reportagem do site *The Intercept* (ALVES, 2020), que causou revolta em grande parte da sociedade. Na matéria, a jornalista Schirlei Alves afirma que o advogado de defesa humilhou Mariana Ferrer na audiência e mostrou fotos sensuais da jovem para questionar a acusação e estupro e o promotor alegou que não era possível ao empresário André Aranha saber que ela não estava em condições de consentir, portanto, não havia a “intenção de estuprar”. Nas alegações finais não foi citada a expressão “estupro culposo”, que sequer existe na lei, mas foi utilizada pelo site para resumir o caso e explicar ao público.

Enfim, para Murad (2012), são as práticas e ideologias comunitárias, culturais, educativas e esportivas como essas, que acontecem nos espaços e contra espaços das instituições formais e não formais que podem mobilizar a política oficial, a fim de melhorar sua prática, as políticas públicas, objetivos e projetos. Portanto, podemos considerar coletivos e torcidas antifascistas, bem como ações de torcidas organizadas, como um espaço de resistência cultural, democrático e político com grande potencial social transformador.

Conclusão

Os resultados deste estudo nos permitiram entender que o surgimento dos coletivos de torcedores(as) de futebol no Brasil se deu após a escalada neoliberal, conservadora e de dogmatismo religioso, enfrentada no Brasil nos últimos anos, principalmente, a partir de 2013, sendo uma alternativa de ação política democrática, cultural e educativa. Os problemas enfrentados por estes movimentos, envolvendo o machismo, o racismo, a elitização dos estádios e a desigualdade social são os sintomas da alta modernidade e suas incertezas, que produzem diferenças, exclusões e marginalizações, como apontado por Giddens (2002).

Com isso, podemos destacar que a dinâmica das organizações modernas, elencadas ao longo deste artigo, possibilita-nos entender como a alta modernidade e seus mecanismos de ação constituem-se um fenômeno de escala global, alterando as vivências cotidianas e sociais dos indivíduos, no que tange, mais especificamente, à formação da autoidentidade. Mesmo em situações de crise sanitária, como a vivenciada pela pandemia da Covid-19, a modernidade oportuniza a revisão de hábitos, visões dicotômicas e

preestabelecidas, costumes tradicionais e das potencialidades individuais, que podem levar a ações importantes para o desenvolvimento da sociedade, como o caso das torcidas antifascistas.

Além disso, podemos destacar o quanto os movimentos de torcedores e torcedoras podem, por meio da sua atuação em espaços como redes sociais, ruas e estádios, ser fonte de informação e educação, com potencial para atuar como resistência às opressões cisheteronormativas e à mercantilização do futebol e da vida no Brasil. E, como a educação não formal – num trabalho em rede com os movimentos políticos das e nas torcidas de futebol - pode se tornar campo de resistência cultural e democrática em tempos de alta modernidade.

Assim, constatamos um grande potencial de organização política e social desses grupos das torcidas de futebol, que podem contribuir para novas práticas democráticas como as apresentadas por Murad (2012), possibilitando a transformação não apenas do contexto referente ao campo dos esportes, mas também o político, o social e o educativo, levando informação a ambientes diversos e também, aos considerados não formais. Afinal, como reflete Bauman (2007), não podemos estar seguros de nossos direitos pessoais se não formos capazes de exercer direitos políticos participando do processo de elaboração das leis, sendo essencial que cada cidadão se faça ouvir, seja dentro dos estádios, nas ruas, nas urnas, nas políticas públicas, nas escolas ou nas redes sociais. Em suma, esperamos que a discussão proposta com este estudo possa contribuir para o debate social acerca da temática tratada e que trabalhos posteriores possam ser desenvolvidos e produzidos a partir destas discussões.

Referências

- ALVES, S. Julgamento de influencer Mariana Ferrer termina com tese inédita de “estupro culposo” e advogado humilhando jovem. **The Intercept**, 3 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>> Acesso em: 13 out. 2021.
- ANTUNES, F. M. R. F. Do velódromo ao Pacaembu: o movimento esportivo em São Paulo e a trajetória do futebol, de esporte da elite à paixão nacional. **Revista Cidade**, São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico/Secretaria Municipal de Cultura, ano V, n. 5, jan. 1998.
- BARBOSA, Marina. Receita defende taxaço de livros sob argumento de que pobres não leem. **Correio Braziliense**, 7 de abril de 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2021/04/4916782-receita-defende-taxacao-de-livros-sob-argumento-de-que-pobres-nao-leem.html>>. Acesso em: 24 out. 2021.
- BAUMAN, Z. Prefácio: Ser leve e líquido. In: **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 7-22.
- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **LDBEN 9.394/96** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação, 1996.
- BONIFACE, P. Football as a factor (and a reflection) of international politics. **The international spectator**, Roma, v. 33, n. 4, p. 87-98, 1998.
- CERIONI, C. Proposta de Guedes para taxar livros é “golpe fatal” para editoras. **Exame**, 12 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://exame.com/economia/proposta-de-guedes-para-taxar-livros-e-golpe-fatal-para-editoras/>> Acesso em 24 out. 2021.

- CERREIA, N. B. As torcidas antifascistas no Brasil: um estudo sobre o ativismo online nas eleições presidenciais de 2018. **Dissertação** (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2020.
- DAMATTA, R. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DIAS, R. C. P. Resenha: modernidade e identidade. **Psicologia & Sociedade**, v. 17, n. 3, p. 80-81, set/dez, 2005.
- FLORENZANO, J. P. **A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro**. São Paulo: FAPESP EDUC, 2010.
- FOER, F. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- GARCIA, V. A. O papel do social e da educação não-formal nas discussões e ações educativas. **UNISAL**, São Paulo, p. 1-15, 2016.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**; tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GIDDENS, A. Apresentação e Cap. 1: Os contornos da alta modernidade. In: GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 9-38.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não formal na pedagogia social. **An.1 Congr. Intern. Pedagogia Social**, Mar. 2006.
- HELAL, R. Futebol e comunicação: a consolidação do campo no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 11-37, 2011.
- LOPES, F. T. P.; HOLLANDA, B. B. B. de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo**, Niterói, v. 24, n. 2, p. 206-232, agos. 2018.
- MESOMO, A. C. Educação e Infância: Ensaio sobre poder e controle. In: **Nuances: estudos sobre educação**, São Paulo, v. 11, n. 11/12, p. 99-113, jan./jun. e jul./dez., 2004.
- MORAES, C. F.; BONFIM, A. F. Mulher no Futebol - no campo e nas arquibancadas. In: **V seminário internacional enlaçando sexualidades**, 2017, Salvador. Anais. Salvador: Realize, v. 1, p. 1-10, 2017.
- MORE than half the world watched record-breaking 2018 World Cup. **Fifa**, Suíça, 21 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://www.fifa.com/worldcup/news/more-than-half-the-world-watched-record-breaking-2018-world-cup>>. Acesso em: 29 out. 2020.
- MOURA, E. P. G.; ZUCCHETTI, D. T. Educação não escolar, universidades e educação popular: horizonte de novos desafios. **Educação Unisinos**, v. 13, n. 2, p. 125-134, maio/ago. 2009.
- MURAD, M. **A violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012.
- NUMERATO, D. **Football fans, activism and social change**. Londres: Routledge, 2018.
- OLIVEIRA, C. G. C. de. Futebol e mulher: invisibilidade, erotização e bate bola. In: GUAZELLI, C. A. B.; *Et al.* (Orgs.). **À sombra das chuteiras meridionais: uma história social do futebol (e outras coisas...)**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, p. 275-289.
- OLIVEIRA, K. E. de J.; PORTO, C. de M.; LIMA, D. de J. Educação não escolar, aprendizagem ubíqua e novas formas de aprender. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 3, n. 3, p. 41-51, jun. 2015.
- PALHARES, J. A. Quarenta anos na sombra da crise da escola: possibilidades e contrariedades no percurso da educação não-escolar. **XV Colóquio AFIRSE – Complexidade: um novo paradigma para investigar e intervir em educação?** Lisboa, Portugal, p. 1-19, 2008.
- PIVA, R. Apontamentos históricos da torcida corinthiana e dos Gaviões da Fiel. In: HOLLANDA, B. B. B.; NEGREIROS, P. L. (Org.). **Os Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, p. 296-312.

SANTOS, I. S.; HELAL, R. De espectador a militante: los hinchas del fútbol y su lucha por el derecho al estadio y al club. **Trans-Pasando Fronteras**, Cali, n. 13, p. 218-242, 2019.

SILVA JÚNIOR, J. A. da. Pedagogia do armário: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais. 2018. 160 f. **Tese** (Doutorado Interdisciplinar em estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, 2018.

SINGER, A. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos – CEBRAP**, São Paulo, n. 97, p. 23-40, 2013.

TEIXEIRA, R. da C.; HOLLANDA, B. B. B. de. Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo. **Esporte e Sociedade**, Niterói, n. 28, p. 1-26, 2016.

TERUYA, T. K. Sobre mídia, educação e Estudos Culturais. In: MACIEL, L. S. B.; MORI, N. N. R. (Org.) **Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares**. Maringá: Eduem, 2009. p. 151-165.

TRILLA, J.; GHANEM, E.; ARANTES, V. A. **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

ROSA, N. G. M. B. Identidade: Anthony Giddens e Norbert Elias. **Humanidades em Diálogo**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.135-148, 2007.

VEIGA, E. “Taxar livros é imoral e anticonstitucional”. **DW Brasil**, 19 de abril de 2021. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/taxar-livros-%C3%A9-imoral-e-anticonstitucional/a-57252043>>. Acesso em: 24 out. 2021.